

Gatos, macacos e aviões

A casa da pioneira Maria Adélia Araújo está colada ao Zoológico e bem perto do aeroporto. É uma vizinhança barulhenta, movimentada e cheia de surpresas, como os bichos que aparecem bem perto

» RAFAEL CAMPOS

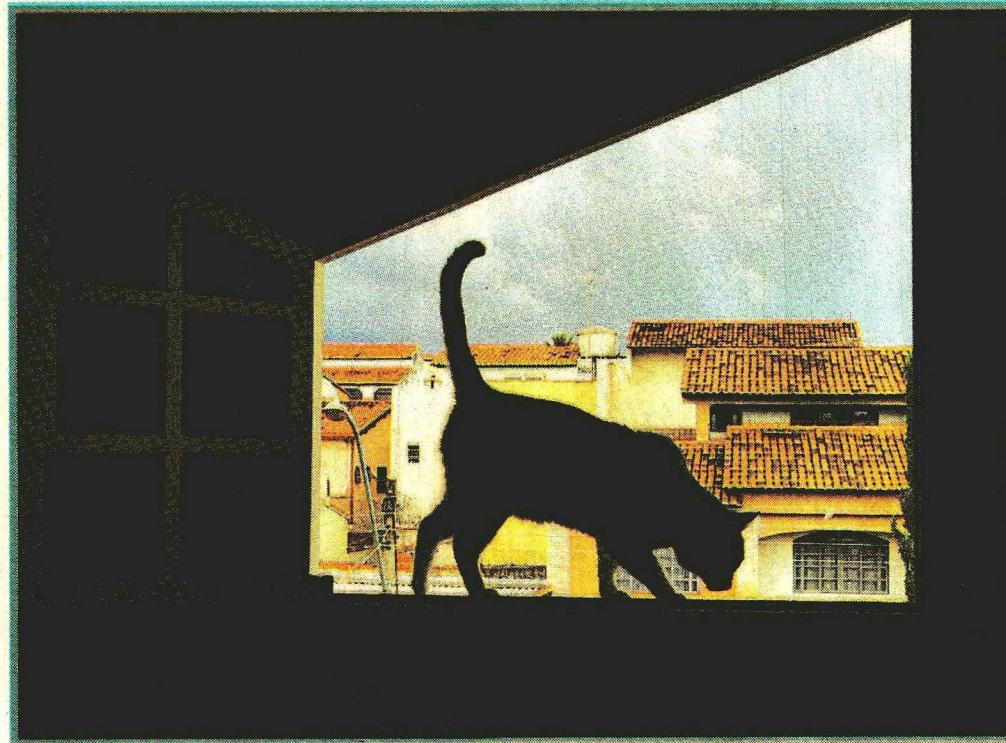
Se pudesse ver as girafas da sua janela, a aposentada Maria Adélia de Fátima Araújo, 62 anos, teria oportunidade de brincar que seus pescoços querem tocar os aviões. Afinal, tendo quase todo o Jardim Zoológico de Brasília à disposição de seus olhos somado ao constante sobe e desce no Aeroporto Internacional Presidente Juscelino Kubitschek, o pensamento tem como ir longe. Mas, as girafas, mesmo enormes, se escondem. “A gente sempre vê os macacos”, garante.

Adélia é mais alguém que, ao chegar em Brasília, entendeu que era aqui o lugar certo para viver. Paraibana de Campina Grande, desembarcou na capital em dezembro de 1979, após ser aprovada em um concurso do Ministério da Saúde. “Montei toda a minha família aqui. Hoje, todos os meus três filhos já são adultos e estão tentando construir a própria trajetória”, lembra. A aposentada passou a maior parte da vida na Asa Sul, em um apartamento. Porém, os filhos crescidos necessitavam de mais espaço, já que todos ainda vivem com ela.

“Por isso decidimos comprar uma casa e escolhemos a Candangolândia pela tranquilidade. Tudo aqui é único, inclusive o que consigo ver da minha janela”. Adélia se sentia tolhida no apartamento. Na casa, a vista foi ampliada e as novidades também.

Adélia diz que a visão das janelas de Brasília

Fotos: Carlos Silva/CB/D.A Press



“Na Candangolândia, tudo é único, inclusive o que consigo ver de minha janela”

são muito diferentes quando comparadas à da época que chegou. Ela confessa que, ao desembarcar, jamais imaginava os limites que a cidade poderia quebrar, fosse em tamanho, beleza e, por que não, problemas. “Hoje se luta bem mais para construir uma família. As coisas eram mais fáceis quando cheguei”, analisa.

A aposentada confessa que dói ver que seus filhos estão tendo de aguardar mais para

seguir na vida. “Não gosto de vê-los tendo de esperar.” Para ela, a falta de oportunidade aos que chegam agora à vida adulta é o que precisa ser cuidado com mais afinco nos próximos 51 anos da cidade. Porém, mesmo resignada, não se arrepende em nenhum momento de ter vindo para o Planalto Central. “Mesmo com todo o trabalho duro, Brasília ainda é o melhor lugar do mundo para se viver.”

